Os intelectuais e a abertura (I)

Poucas forças vivas da Nação souberam resistir tanto ao centripetismo implacável destes quinze anos de regime autoritário quanto a intelectualidade. O regime conseguiu modernizar a administração pública e com isso incorporar técnicos cujo **status** lhes determinava antes visível desdém por qualquer perspectiva de se arrolar no serviço público; conseguiu racionalizar e disciplinar a economia, sobrepondo-a ao expansionismo selvagem dos anos 50 — o desenvolvimentismo — e esconjurando o caos dilapidador do distributivismo populista dos primeiros anos 60, ganhando com isso a adesão, muitas vezes precipitadamente entusiasta, do empresariado. Não tendo de se preocupar com um operariado cuja consciência de classe fora substituída pelo clientelismo da organização sindical herdada do Estado Novo, a frustração do regime ficou limitada àqueles dois bolsões.

Qual é o saldo atual desse contencioso que se alargou e se agravou, a ponto de se ter transferido freqüentemente do âmbito do debate político para o de uma segurança nacional, concebida e instrumentalizada unilateralmente por uma das partes, o governo que absorveu em si toda a natureza do Estado?

O cientista político Simon Schwartzman, numa preciosa colaboração para esta folha, tentou levantá-lo, do ponto de vista da intelectualidade. O saldo, disse Simon Schwartzman com objetividade irrecusável, "foi o fracasso das ideologias de direita e o sucesso das ideologias de esquerda". Mutuamente condicionados como estavam os dois campos até à exacerbação, o desprestígio de um deveria levar um peso adicional e estranho ao prestígio do outro: livros pouco conhecidos (e talvez menos ainda lidos) se transformaram em **best-sellers**; canções de protesto passaram a estribilho e as mais audaciosas peças de teatro foram sucesso de bilheteria.

Sem essa contribuição involuntária, mas extremamente poderosa do imobilismo conservador, ou da censura e repressão, o que é entretanto a ideologia de esquerda no Brasil? Concretamente, ela é uma trágica dissociação que vai até às raias da patologia social, e, curiosamente, a própria contradição que Marx anunciou superar. Schwartzman não se lembrou, mas certamente conheceu o nome paradoxal que essa dissociação teve, sobretudo entre os estudantes. Paradoxal, e não obstante significativo: conscientização, esse neologismo que não conta muito mais de vinte anos.

Chamava-se conscientização precisamente a ideologia utilizada "como moeda de comunicação, aceitação e aprovação recíproca entre colegas". Observada de fora desse pequeno mundo em circuito fechado, porém, a "conscientização" instalava dentro dos grupos e das pessoas uma antinomia entre o desabrochar pessoal (através da profissão, por exemplo) e a responsabilidade pelas estruturas que era preciso transformar; antinomia que se resolvia, geralmente, pela liquidação de um dos opostos: de um lado, tínhamos os estudantes que renunciavam ao estudo, os artistas que inibiam a própria criatividade, os físicos que não queriam fazer física, num suicídio intelectual que levava também à morte as opções sociais e políticas, ou a seu esvaziamento; de outro, o aferramento à própria capacidade de trabalho e de produção intelectual, com negação das responsabilidades do cidadão e até mesmo dos corolários políticos mais evidentemente vizinhos de um engajamento profissional. E quando a instância não era a dessa dissociação, era a da esquizoidia — "o cineasta vanguardista que faz a revolução social com verbas oficiais, a jovem estudante que se veste nas butiques de Ipanema, faz greve na faculdade e vota nos candidatos da esquerda".

O título da colaboração de Schwartzman veio assim bem a propósito. Pena que muitos dos empolgados pelas ideologias de esquerda não sejam capazes de lhe atinar com a ironia. **Miséria da Ideologia** é uma transposição, para a atualidade brasileira, de **A Miséria da Filosofia**, a investida de Marx contra Proudhon (autor de **A Filosofia da Miséria**) e contra toda filosofia que só parcialmente se atenha à realidade concreta, histórica e social. Nossa ideologia de esquerda empreendeu um caminho análogo, embora se pretendesse marxista. Resta saber se seu vício inicial foi imaturidade na reflexão, ou açodamento juvenil na ação (os dois são, aliás, correlatos): por imaturidade, tomou como auto-afirmação o que para Marx constituía, ao contrário, uma racionalização da alienação — a ideologia; por açodamento, dispensou-se de testar mesmo um instrumental ideológico na ação. Tivemos assim o ridículo de um florescimento ideológico sustentado apenas numa assimilação do jargão marxista e numa linguagem tomada de empréstimo; de análises históricas em que os esquemas e categorias eram aplicados rígida e quase mecanicamente a uma realidade mal pesquisada e fantasiosamente representada; e de um plágio na ação, que em alguns casos extremos foi trágico, além de sempre estéril (o plágio da Sierra Maestra de Fidel Castro em Caparaó, em Angra dos Reis, no Vale da Ribeira e em Xambioá).

Em **A Miséria da Filosofia**, Marx dizia que os ingleses tinham o vezo de fazer dos homens chapéus; e os alemães, o de fazer dos chapéus idéias. Uns, viciados pela economia; outros, pela filosofia. Nem isso chegaram a conseguir nossas ideologias de esquerda.

O seqüestro do Sul em compasso de espera